

# NA COLÔNIA PENAL

DE FRANZ KAFKA



ROTEIRO

SYLVAIN RICARD

DESENHO

MAËL

CORES

ALBERTINE RALENTI

TRADUÇÃO

CAROL BENSIMON



Copyright © Guy Delcourt Productions, 2007

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original  
Dans la colonie pénitentiaire

Preparação  
Lígia Azevedo

Revisão  
Viviane T. Mendes  
Marina Nogueira

Composição  
Lilian Mitsunaga

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Ricard, Sylvain  
Na colônia penal / de Franz Kafka ; roteiro Sylvain Ricard ;  
desenho Maël ; cores Albertine Ralenti ; Tradução Carol  
Bensimon. — São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original : Dans la colonie pénitentiaire.  
ISBN 978-85-359-1856-4

1. Histórias em quadrinhos I. Kafka, Franz, 1883-1924. II.  
Maël. III. Ralenti, Albertine. IV. Título.

11-03181 CDD-741.5

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Histórias em quadrinhos 741.5

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ LTDA.  
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil  
Telefone: (11) 3707-3500  
Fax: (11) 3707-3501  
[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)  
[www.blogdacia.com.br](http://www.blogdacia.com.br)

A marca FSC é a garantia de que a madeira utilizada  
na fabricação do papel deste livro provém de florestas  
que foram gerenciadas de maneira ambientalmente  
correta, socialmente justa e economicamente viável,  
além de outras fontes de origem controlada.

Esta obra foi composta em Penal e impressa pela Geográfica em ofsete  
sobre papel Couché Reflex Matte da Suzano Papel e Celulose para a  
Editora Schwarcz em maio de 2011.

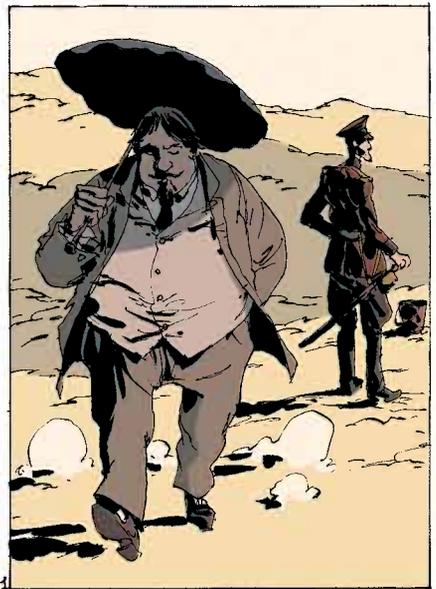
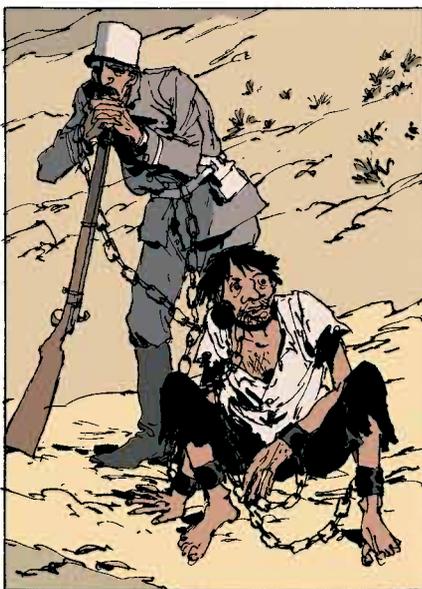
Tanto o homem Franz Kafka quanto sua obra são fascinantes. Uma de suas companheiras, Milena Jesenska, dizia a respeito dele: “Franz é como um homem nu entre pessoas vestidas. [...] É um homem forçado ao ascetismo por sua terrível lucidez, por sua pureza, por sua incapacidade de aceitar o comprometimento”. Comprometimento, eis a palavra-chave, a situação da qual Kafka sempre quis fugir, mas que o aprisionava sistematicamente. Ele detestava seu trabalho burocrático, mas nunca o abandonou. Tinha horror de seu pai, mas sua figura autoritária o fascinava, quase o paralisava. Seu mais forte desejo era escrever, mas nenhum de seus textos o satisfazia totalmente.

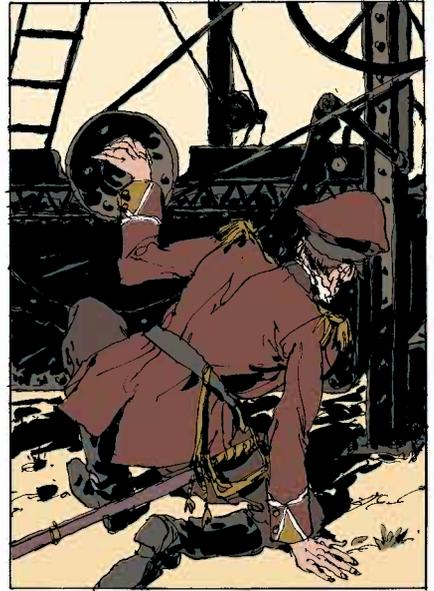
A novela terrivelmente violenta que é *Na colônia penal* nasceu nos primórdios da 1ª Grande Guerra. Mais surrealista que aterrorizante, a situação deixa o leitor desamparado diante de sua enormidade: a máquina, instrumento de execução capital, cuja beleza e perfeição só se igualam à barbárie absoluta de seu objetivo; o oficial, de profunda e ingênua sinceridade, de um engajamento irrestrito e de uma fidelidade animal por seu defunto comandante (o genial inventor da máquina); o viajante, o soldado e o condenado, ao mesmo tempo espectadores (e portanto *voyeurs*, assim como o leitor) e atores desta paródia da justiça, cada um como um contraponto ao metódico e receoso oficial. Disso resulta uma dissonância tão aguda que acaba por dar uma dimensão tocante e quase infantil à súplica do oficial, a derradeira reivindicação do direito de existir como filho espiritual do saudoso comandante.

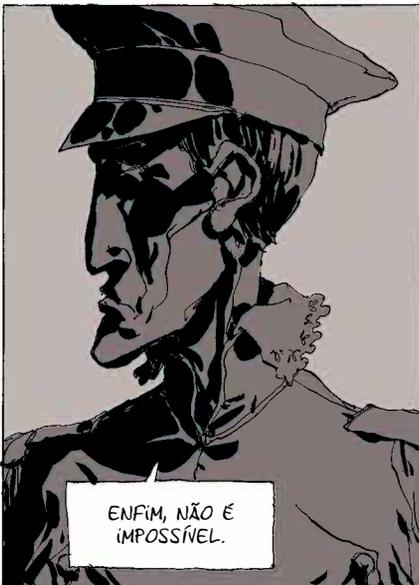
A leitura de *Na colônia penal* é um desafio, tamanha é a proximidade do atroz e do cruel com a leveza, a suavidade e a beatitude. Mas Kafka não exagera na absurda obstinação do homem à autodestruição. Um olhar para a atualidade, para nossas telas de televisão, pode indicar que o homem colocou com frequência a sua inventividade a serviço da destruição do outro e que a fascinação diante da dor é cada vez mais banalizada. Basta ver que a violência dos homens sobre outros homens bate todos os recordes de audiência (execuções sumárias, guerras, atentados...), e não há sombra de dúvida de que uma execução pública na Place de la Concorde teria mais sucesso e mais (tele)espectadores que qualquer outra festividade...

... o que explica como a obra fascinante que é *Na colônia penal* torna-se o espelho da sociedade em que vivemos e daquilo que somos.

*Sylvain Ricard*









NÃO SEI SE O COMANDANTE JÁ EXPLICOU COMO FUNCIONA O APARELHO...

NÃO?



É UMA INVENÇÃO DE NOSSO ANTIGO COMANDANTE. TRABALHEI NELA DO PRIMEIRO TESTE ATÉ SUA CONCLUSÃO.



NO ENTANTO, CABE SOMENTE A ELE A GLÓRIA DA INVENÇÃO.

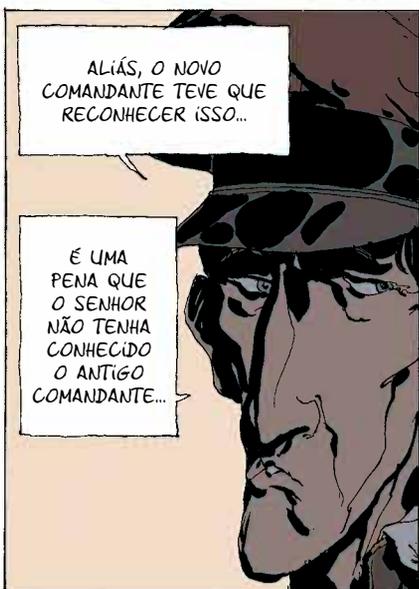


O SENHOR JÁ OUVIU FALAR DE NOSSO ANTIGO COMANDANTE?

NÃO?



ORA, TUDO AQUI É OBRA DELE! A ORGANIZAÇÃO DESTA COLÔNIA É TÃO COERENTE QUE SEU SUCESSOR NADA PODE MUDAR.



ALIÁS, O NOVO COMANDANTE TEVE QUE RECONHECER ISSO...

É UMA PENA QUE O SENHOR NÃO TENHA CONHECIDO O ANTIGO COMANDANTE...



MAS EU FALO, FALO, E O APARELHO DELE ESTÁ AQUI, A SUA FRENTE!



ELE É COMPOSTO, COMO O SENHOR PODE VER, DE TRÊS PARTES. A CAMA, O DESENHADOR...

... E AQUI, O RASTELO.